

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

**ESTUDO FILOLÓGICO SOBRE AS DIFERENTES TRADIÇÕES MANUSCRITAS
NA PERÍCOPE DA MULHER ADÚLTERA (JOÃO 7:53 – 8:11)**

Gustavo Muryllo Camargo Boarato

SÃO PAULO

2026

Gustavo Muryllo Camargo Boarato

**ESTUDO FILOLÓGICO SOBRE AS DIFERENTES TRADIÇÕES MANUSCRITAS
NA PERÍCOPE DA MULHER ADÚLTERA (JOÃO 7:53 – 8:11)**

Trabalho apresentado como requisito no
curso de Bacharel em Teologia da
Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

Orientador: Prof. Jonas Machado.

SÃO PAULO

2026

FACULDADE TEOLÓGICA BATISTA DE SÃO PAULO

Gustavo Muryllo Camargo Boarato

**Estudo Filológico Sobre as Diferentes Tradições Manuscritas na
Perícopes Da Mulher Adúltera (João 7:53 – 8:11).**

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Nonas Machado – Orientador.

Prof.

Prof.

RESUMO

A perícopes da mulher adúltera (João 7:53 – 8:11) constitui uma das passagens mais conhecidas e debatidas da crítica textual do Novo Testamento. Ausente em alguns dos manuscritos mais antigos e importantes, consolidou-se em algum momento da história no texto Joanino e, desde o desenvolvimento da crítica textual moderna, tem suscitado os mais diversos debates acerca de sua função no texto e autenticidade. O objetivo desta pesquisa é analisar as principais variantes textuais conhecidas dessa passagem, com investigação de sua presença ou ausência nos testemunhos manuscritos, além dos argumentos apresentados pela crítica textual contemporânea sobre sua inserção no Evangelho de João. É investigada sua possível veracidade enquanto texto joanino, sua plausibilidade histórica como relato de uma ação de Jesus, suas correlações com possíveis testemunhos indiretos ao na hipótese de não autenticidade. Para tanto, a metodologia adotada é a de revisão bibliográfica, com base em obras e autores relevantes na área, aliada à análise de evidências externas – como o caso dos principais manuscritos mais importantes, disponíveis enfim em formato digital – e internos, como estilo, vocabulário e coerência narrativa. Ao final, é oferecida uma avaliação crítica que considere tanto os dados da crítica textual quanto a tradição interpretativa e suas possíveis implicações teológicas, com conclusão que evidencie a complexidade da tradição da transmissão do texto do Novo Testamento.

Palavras-chaves: Crítica textual. Evangelho de João. Perícopes da Mulher Adúltera. Manuscritos gregos.

ABSTRACT

The Pericope of the Adulterous Woman (John 7:53–8:11) constitutes one of the most well-known and debated passages in New Testament textual criticism. Absent from some of the oldest and most important manuscripts, the passage eventually became established within the Johannine text and, since the development of modern textual criticism, has given rise to numerous debates concerning its function within the text and its authenticity. The present study aims to analyze the principal textual variants associated with this passage, investigating its presence or absence in the manuscript witnesses, as well as the arguments advanced by contemporary textual criticism regarding its insertion into the Gospel of John. The study seeks to examine its possible authenticity as a Johannine text, its historical plausibility as an account of an action performed by Jesus, its correlations with possible indirect witnesses to the biblical text, and its theological implications, both in the case of authenticity and non-authenticity. To this end, the methodology adopted consists of a bibliographical review based on relevant works and authors in the field, combined with an analysis of external evidence — such as the principal manuscripts currently available in digital format — and internal evidence, including style, vocabulary, and narrative coherence. Finally, the study seeks to provide a critical evaluation that takes into account both the data of textual criticism and the interpretative tradition, as well as their possible theological implications, highlighting the complexity of the textual transmission of the New Testament.

Keywords: New Testament. Gospel of John. Perícope Adulterae. Greek manuscripts.

SUMÁRIO

Introdução	7
Capítulo 1. A transmissão do texto do Novo Testamento.....	9
1.1 O Novo Testamento	9
1.2. A formação e preservação do texto neotestamentário.	11
1.3. A crítica textual do Novo Testamento	15
Capítulo 2. Análise da Perícope da Mulher Adultera nos principais testemunhos	17
2.1. A hipótese de não autenticidade da Perícope da Mulher Adultera	17
2.2. A perícope da Mulher Adultera e a crítica textual	18
Capítulo 3. Análise das Variantes Textuais da Perícope da Mulher Adúltera.....	20
3.1. a perícope nos principais códices unciais	20
3.2. A transmissão da perícope nas tradições de transmissão textual	22
3.3. A autenticidade joanina da Perícope da Mulher Adultera.....	24
3.4. Implicações teológicas das variantes textuais da Perícope da Mulher Adultera	25
Capítulo 4. Considerações Finais.....	28
Referências bibliográficas	30

INTRODUÇÃO

A transmissão do texto do Novo Testamento ao longo dos séculos consiste, certamente, em um dos campos mais fascinantes e complexos da investigação acadêmica. A crítica textual contemporânea construiu um longo e sólido caminho que possibilita avaliar, reavaliar, aprofundar, e ter certa segurança, com bases científicas, a transmissão textual do Novo Testamento ao longo dos séculos. É possível, com o uso dos métodos críticos, verificar as diferentes fases que o texto passou até chegar ao já consolidado que se conhece hoje. A multiplicidade de manuscritos, cópias e tradições textuais conhecidos permite que se verifique não apenas o esforço na manutenção e transmissão do Texto Sagrado, como também revela as inevitáveis variações textuais que ocorreram ao longo dos processos históricos, culturais e linguísticos. Alguns textos escondem mistérios que podem ser desde palavras não usuais até perícopes inteiras, e que podem ou não pertencer com o texto original, algo que só a crítica textual pode identificar. Nesse contexto, há passagens que assumem papel relevante por concentrarem evidências sensíveis quanto à sua origem e autenticidade, sobretudo se considerar a tradição teológica já consolidada.

Dentre as mais diversas passagens, destaca-se para este trabalho a perícope da mulher adúltera (Jo 7:53 a 8:11), uma narrativa amplamente conhecida e profundamente significativa do ponto de vista da tradição e pastoral. O texto relata um encontro entre Jesus e uma mulher acusada de adultério, que seria apedrejada não fosse sua intervenção; texto no qual se encontra a inesquecível frase “aquele que dentre vós nunca pecou, seja o primeiro a atirar a pedra”. A importância do texto é substancial, pois evidencia uma das essências sintetizadas da interpretação dos ensinamentos de Jesus, que é o perdão. Contudo, apesar de sua recepção e influência, o texto, se visto na tradição textual, encontra algumas peculiaridades que fazem questionar sobre sua autenticidade: ele não está presente em alguns testemunhos mais antigos e importantes, e em alguns testemunhos está grafado em outras localizações textuais, particularidades que fazem questionar sua autenticidade joanina¹.

As peculiaridades que o texto apresenta suscita muitos questionamentos fundamentais, como: a perícope da mulher adúltera está nos principais manuscritos

¹ Comfort, por exemplo, sustenta que “a evidência manuscrita que apoia a exclusão dessa passagem é avassaladora. Verdadeiramente, em muitos manuscritos ela está ausente (como no L, N, T, W, D, 0211, p. ex.) (COMFORT, 2022, p. 442 – 443).

bíblicos? Ela integrou o texto original do Evangelho de João ou foi inserida posteriormente? Existem variantes significativas da perícope? Se inserida posteriormente, quais seriam suas possíveis motivações e origens? A perícope da mulher adúltera aparece em lugares diferentes do texto ou do Novo Testamento? Sua historicidade pode ser confirmada? E, ainda, quais seriam as implicações teológicas decorrentes da manutenção dessa passagem como parte integrante do cânon sagrado em caso de não pertencer ao texto original?

Diante dessas questões, esse trabalho se propõe a investigar, com base na crítica textual e nos principais manuscritos disponíveis e aparato crítico, os elementos indiciários da existência de variantes textuais ou alterações na perícope da mulher adúltera. Primeiro serão analisados os testemunhos mais antigos que contém ou que deveriam conter a passagem, a fim de identificar se a questão realmente é válida. Após isso, tentar-se-á identificar qual o momento do surgimento e possíveis indícios de correntes que optaram pela sua interpolação ou manutenção no texto joanino. Por fim será visto se realmente o texto parece ser autenticamente evangélico, e por fim se analisará a hipótese de manutenção da passagem como a conhecemos.

A hipótese dessa pesquisa consiste em que as análises das variantes nos principais manuscritos conhecidos tendem a indicar que a passagem da mulher adúltera parece não pertencer ao Evangelho de João, onde se encontra atualmente. Mesmo assim ela traz autenticidade do seu conteúdo evangélico, isto é, parece preservar uma tradição autêntica de Jesus, coerente com sua teologia, o que explicaria sua possível interpolação em diferentes locais do texto sagrado, culminando, em tese, no local textual que agora está. Pela teologia é possível observar que, apesar da provável origem incerta, a perícope mantém autenticidade evangelística, isto é, parece realmente ser ensino de Jesus, além de que mantém certa afinidade com elementos centrais da teologia joanina, como a misericórdia, o juízo e a autoridade de Jesus. Dessa forma, a compreensão das variantes textuais dessa passagem permite integrar a análise filológica com a reflexão teológica, elucidando como diferentes tradições cristãs receberam, interpretaram e transmitiram esse texto ao longo da história.

A pesquisa adotará uma abordagem qualitativa, de caráter predominantemente bibliográfico, com enfoque filológico-textual. Serão analisadas as variantes textuais de João 7:53 – 8:11 a partir dos testemunhos dos manuscritos que for possível o acesso, e também das edições críticas do Novo Testamento grego, classificadas segundo critérios da crítica textual, e posteriormente quanto às suas possíveis implicações

teológicas. Serão investigadas tanto as evidências externas, como os manuscritos gregos, versões antigas e citações patrísticas, como as internas, concernentes às características linguísticas e estilísticas do texto. O Trabalho integrará dados manuscritos, literatura especializada e comentários teológicos.

A relevância do tema se justifica não apenas pela complexidade textual da perícope, mas também por suas implicações no campo da hermenêutica e da teologia. A passagem é conhecida, e tem indubitável relevância na tradição e interpretação cristã, e influencia não apenas exemplos concretos, mas também toda interpretação neotestamentária, que por essa perícope entende o perdão, a autocrítica e a misericórdia como algo substancial. A avaliação não se limita a uma análise filológica, mas pode ter uma implicação teológica relevante a depender do resultado.

Por fim, quanto à estrutura, o trabalho é apresentado em três eixos principais: Primeiro se apresenta o panorama da transmissão do Novo Testamento e os fundamentos da crítica textual contemporânea; em seguida esquadrinha-se detalhadamente a tradição manuscrita da perícope da mulher adúltera; por fim desenvolve-se uma análise crítica tanto da sua autenticidade como de suas implicações teológicas e hermenêuticas. Assim, é possível oferecer uma contribuição rigorosa e equilibrada ao debate, com o reconhecimento da complexidade do tema e a necessidade de uma abordagem que integre os dados textuais, históricos, filológicos e interpretativos.

CAPÍTULO 1. A TRANSMISSÃO DO TEXTO DO NOVO TESTAMENTO

1.1 O Novo Testamento

O Novo Testamento pode ser considerado, facilmente, o conjunto de textos antigos mais importante preservado, ao menos em relação ao Ocidente. Ele é o mais copiado e transmitido desde a antiguidade, e não apenas resistiu aos séculos, mas moldou o pensamento ocidental como nenhum outro texto conhecido. De fato, trata-se do texto que sustenta o cristianismo, religião surgida no interior da Palestina, que tem como figura central a pessoa de Jesus e seu evangelho, e que, apesar de todas as circunstâncias fortemente motivarem que seria apenas mais uma religião de um qualquer que desapareceria como tantas outras, essa teve poder suficiente de tomar o pensamento europeu, resistir ao poderoso Império Romano, e conquistar boa parte

das mais nobres mentes conhecidas.

Esse texto, que existe há quase dois mil anos, ganhou notoriedade por resistir a inúmeras perseguições e ter sobrevivido aos diversos modelos de sociedade surgidos, mesmo diante de todas as adversidades e contra todas as circunstâncias que tentaram aniquilá-lo. Passou pelas mãos de incontáveis copistas, de várias tradições, cada um com sua missão de promover a transmissão e a preservação do Texto Sagrado segundo a missão que lhes foi dada, pois é considerado sagrado pelos cristãos. Para eles ele não contém apenas a palavra de Deus, ele é a própria Palavra de Deus, que é inerrante, imutável e invariável. Não é permitido fazer alterações no texto.

A formação do Novo Testamento como é hoje conhecido não foi instituída pelo próprio Jesus, Ele próprio na verdade nunca escreveu nada, ou ao menos não deixou nenhum registro. Foram seus discípulos que preservaram e desenvolveram a mensagem pela leitura de Cristo, a interpretação do que viveram, e escrevendo uns aos outros como testemunho formaram os textos do cânon. E sobre o cânon, também não foi selecionado pelo próprio Jesus, pelos seus apóstolos, pelos seus discípulos ou mesmo pelos primeiros cristãos, mas sim pela Igreja, enquanto instituição. Ela que os reconheceu e os considerou como sagrados, dentre muitos candidatos nos concílios romanos. A mesma Igreja que os escolheu e os selecionou manteve a tradição e a transmissão das Sagradas Escrituras ao longo dos Séculos, e o fez muito bem, já que existem manuscritos em excelente estado de conservação que datam quase que da época da instituição do cristianismo como a religião oficial do agora extinto Império Romano.

Em relação à transmissão textual, apesar do dogma de que o texto é a imutável Palavra de Deus, é preciso reconhecer que se trata do texto antigo mais copiado conhecido (e possivelmente o é). As cópias por dezenas de séculos eram manuais, e o texto é extenso. Justamente por isso há, claro, inevitáveis variantes textuais a serem consideradas. Por um lado, tem-se a tradição da religião, tanto a católica como a protestante, que, apesar das fortes divergências, afirmam que o texto não teve nenhuma alteração desde sua concepção na pena original até o dia de hoje. Por outro lado, tem-se a crítica textual, que, com critérios objetivos e científicos questiona esse pensamento, que nada mais é que um dogma religioso, e que não se sustenta no mundo fático. Não há dúvidas que o texto mais copiado da antiguidade, com cópias manuais, teria, de forma consequente, grande número de variantes textuais, seja

porque os copistas erravam na transmissão do testemunho do texto inadvertidamente, seja por intervenções intencionais no texto, seja por interpolações propositais de um ou outro copista pelos motivos mais diversos. O que nos interessa é olhar o texto sob a ótica da crítica textual e identificar possíveis variantes textuais que poderiam eventualmente surgir nos testemunhos transmitidos. Afinal, em algum momento elas provavelmente devem ter surgido.

Com a tecnologia e a disponibilização dos manuscritos para consulta na rede mundial de computadores, agora é possível analisar os textos de praticamente qualquer local do mundo. Alguns testemunhos perfeitamente preservados até os dias de hoje podem ser consultados por meios digitais, em alta resolução, como o *Codex Vaticanus* e o *Codex Bazaе*, o que sobremaneira tem ajudado no estudo da Crítica Textual. O idioma comum da Antiguidade é o grego, apesar de o cristianismo e o próprio Jesus ter vivido já na Era Romana, cujo idioma principal era o latim. Jesus e os discípulos não falavam latim, e sim o Aramaico, idioma comum da Palestina naquele tempo. Os principais códices² conhecidos, que remontam os primórdios do cristianismo, sobretudo quando foram admitidos como religião oficial do Império Romano, datam do século IV, e o idioma da escrita é o grego.

1.2. A formação e preservação do texto neotestamentário.

O Novo Testamento, como é de se supor, não foi em toda sua existência o compilado dos vinte e sete livros publicados que compõem o cânon sagrado aceito pela Igreja Cristã. Em sua gênese, a crítica textual sugere³ que sua consolidação foi gradual, lenta, e publicada oportunamente por cada meio que melhor atendia seu público inicial e alvo.

Com efeito, tem-se que a publicação do Novo Testamento não deve ser entendida com a mesma conotação do correspondente da palavra moderna publicação. Ora, independente do que denota o dicionário formal, nos dias das primeiras décadas do século XXI o termo publicar significa, grosso modo, tornar

² Um códice (ou Codex, do latim) é um livro manuscrito antigo, normalmente de pergaminho (couro animal) ou papiro (vegetal), semelhante ao livro moderno, amplamente usado na antiguidade antes da invenção da imprensa.

³ Essa sugestão pode ser vista, por exemplo, no capítulo inicial (As publicações manuscritas do Novo Testamento Grego) da obra de Confort. Ao longo do capítulo ele não apenas discorre sobre as hipóteses de surgimento, mas dos meios prováveis de publicação dos textos originais no contexto da época de sua escrita (COMFORT, 2022, p. 11 – 82).

público com grande difusão. Obviamente publicar é tornar algo público, porém o termo moderno sugere interpretar ampla divulgação do que foi publicado para admitir o significado da palavra. Suponha-se que alguém tenha uma mensagem de felicidades por uma conquista a um qualquer homenageado, e essa pessoa reúna alguns amigos e familiares para externar suas felicitações. Ora, o termo moderno não admite que nesta específica situação a mensagem foi publicada, porque apesar de tornada pública foi externada a grupo restrito. Mesmo que a palavra admita essa conotação, o correspondente não parece ter relação direta com a interpretação atual do termo. A publicação do Novo Testamento não deve, pois, ser considerada com o termo modernamente entendido como publicação, porém, ainda assim claramente a intensão dos autores foi de tornar a mensagem pública, com intencional circulação de sua obra, e não apenas restrita a pequeno grupo de pessoas.⁴

Nos primórdios do cristianismo, isto é, enquanto os apóstolos ainda eram vivos, a transmissão do conhecimento e da mensagem do próprio Jesus era feita de forma oral, e não escrita. Muitos fatores contribuíram para esse modo de transmissão, como o fato de grande parte da população ser analfabeta, assim como o material de escrita ser extremamente caro e restrito à pessoa comum⁵. Por isso os ensinamentos de Jesus eram, inicialmente, publicados, isto é, tornados públicos pelo meio oral, com o ensino passando entre as testemunhas e os ouvintes, e depois entre os ouvintes e outros ouvintes. Não havia motivos imediatos para transmissão escrita, e nem mesmo cultura que exigisse isso. Não por acaso, o Evangelho de São Lucas leva em sua dedicatória, nas primeiras palavras, os dizeres: “Tendo, pois, muitos empreendido pôr em ordem a narração dos fatos que entre nós se cumpriram” (Lucas, 1:1, ACF). Veja-se que a missão de Lucas neste livro escrito é pôr em ordem o que é dito entre eles, ou seja, registrar o que o destinatário do texto, Teófilo, já conhecia por ouvir, e não por ter lido.

Com a divulgação da mensagem, a amplitude que tomou a narrativa, e o afastamento geográfico e geracional dos apóstolos, a necessidade de registrar em forma escrita o que ocorreu sobre o testemunho de Jesus e das igrejas surgiu. O desafio era registrar o que era necessário para que a mensagem fosse publicada a

⁴ Neste sentido, por exemplo, Confort sugere que cada autor dos evangelhos estava engajado na composição literária, e que cada um usou um estilo diferente para dar valorização, circulação e uso à sua obra (COMFORT, 2022, p. 29, 30).

⁵ COMFORT, 2022, p. 32 – 38

peessoas mais distantes. Com isso, a mensagem poderia ser perpetuada e conferida conforme fosse a necessidade. As dificuldades eram muitas, tanto as financeiras, pois era algo custoso de se fazer, como as intelectuais, pois se a leitura era rara, a escrita muito mais.

Assim, surgiram os primeiros relatos escritos dos livros que, muito mais tarde viriam a compor o Novo Testamento; da necessidade de publicação escrita da mensagem. Mas, se foi assim em relação aos textos dos evangelhos, a necessidade de um determinado grupo escrever o que se transmitia oral, mesmo que num contexto não imediato, para um outro grupo o texto escrito era um meio habitual de transmissão da mensagem, sobretudo em pessoas com cultura diferenciada, como no caso de São Paulo, que escreveu grande volume de cartas para publicação nas igrejas destinatárias, algumas das quais resistiram ao tempo e chegaram até os dias atuais. O desafio da época não era apenas escrever o texto, mas também mantê-lo. Além de ser caro os escritos enfrentavam desgastes naturais. Os materiais disponíveis tinham deterioração rápida e não resistiam muito ao tempo. Na época dois eram os principais meios de registro para escrita existentes, a saber o pergaminho e o papiro. Aquele feito de couro animal, este de fibras naturais da planta papiro. O pergaminho tinha uso restrito pela sua fabricação demorada e alto custo, sendo muito mais caro que o tradicional papiro. Já o papiro era uma alternativa mais popular, menos pesada e também menos durável em relação ao pergaminho. Por ser mais acessível por motivos financeiros era amplamente usado nos séculos I e II da Era Cristã, sendo que apenas a partir do século III e IV é que o pergaminho passou a ter maior aceitação e utilização.

Os textos autógrafos, isto é, os textos originais, que há muito se perderam, provavelmente foram escritos em papiro, e como todo texto a ser publicado, passaram por correções de seus próprios escritores antes de serem transmitidos. Aliás, um texto antigo com correções tem fortes indícios de autenticidade, pois apenas as correções tornavam-no perfeito para publicação. Quem escreveu os textos originais a punho provavelmente não era seu subescritor, e sim um amanuense, um profissional da escrita que com caligrafia legível grafava o documento segundo o ditado do seu constituinte. Isso é evidenciado, por exemplo, nas cartas paulinas, sobretudo as que Paulo apontava que escrevia (assinava) ao final com sua própria caligrafia para autenticar uma mensagem. Os autógrafos, por conta do material usado, da relevância contemporânea deles, e por conta da região não existem mais, ou se existem estão

perdidos; e mesmo assim o conteúdo foi transmitido pelas cópias. Todo o trabalho de publicação era manual, pois apenas se podia escrever à mão, isto é, com o instrumento de escrita e o papiro, no caso. Além de demorado era muito custoso.

Os evangelhos do novo testamento têm estrutura que sugere querer atingir o maior número possível de pessoas. E, no contexto da redação dos testemunhos, o grego comum era a língua perfeita para a divulgação do texto neotestamentario. Ora, mesmo que o idioma falado pelos hebreus da época fosse o aramaico, e que o mundo conhecido era romano, com idioma latino, o Grego era o idioma mais conhecido e falado pelos povos do império. Assim, resolveu-se divulgar o testemunho de Jesus pelo idioma grego.

O Novo Testamento não foi escrito e já pensado com uma composição de vinte e sete livros, mas cada testemunho, cada texto, foi pensado isoladamente, isto é, com seu contexto imediato. Isto é visível, por exemplo, no livro do Apocalipse, em que o autor claramente diz que se trata de uma carta às sete igrejas da Ásia, local de atuação do apóstolo. Com a publicação individual, somente muito mais tarde é que se decidiu reunir os testemunhos em volumes e então em um volume único conhecido, hoje, como Novo Testamento. A preservação se dava tanto pela transmissão de incansáveis cópias, feitas pelos seguidores de Jesus e dos apóstolos, que naturalmente se deterioravam pelas características dos materiais, como também pelos próprios cristãos, que zelaram pelos textos em seus contextos particulares e que permitiram sua divulgação posterior.

O Novo Testamento apenas viria a ser composto pelos livros que hoje o formam (de Mateus até Apocalipse) após longo período de circulação dos textos conhecidos entre os séculos I e III. Na cultura cristã os muitos livros eram copiados e mantidos pela comunidade local, em várias partes diferentes do mundo antigo⁶. Os textos eram copiados e distribuídos entre as igrejas, lidos nos cultos e ganharam autoridade prática. Com o tempo, muitos deles ganharam confiabilidade apostólica, e surgiu, também, a necessidade de definir claramente os livros inspirados por Deus, pois muitas heresias surgiam e textos não autênticos ganhavam notoriedade. Nos séculos III a IV houve a clara necessidade de definir os textos genuínos, de modo que os selecionados foram aqueles que já reconhecidamente eram componentes da Inspiração Divina pelas igrejas. No norte da África ocorreu os Concílios de Hipona

⁶ (COMFORT, 2022, p. 64 e seguintes).

(393 d.C.) e Cartago (397 d.C.), que apesar de serem abrangentes eram regionais. Mesmo assim, há relatos um pouco mais antigos com os já vinte e sete livros atuais citados como autênticos, reconhecidos pela igreja em seus primórdios, como é o caso do bispo Atanásio de Alexandria, que cita nominalmente os mesmos vinte e sete livros do Novo Testamento em sua 39ª Carta Festal (ano de 367 d.C.).

Logo, o texto do Novo Testamento surgiu de um contexto complexo⁷, e não foi algo pensado e planejado, selecionado apenas o conveniente, mas sim teve uma formação natural e gradual. Foi da divulgação oral para a divulgação escrita por clara necessidade, e foi preservada pelos fiéis ao longo dos séculos até chegar nos textos consagrados e consolidados que se conhece desde os primórdios do cristianismo.

1.3. A crítica textual do Novo Testamento

A crítica textual é um ramo da ciência que visa a estudar textos antigos e restaurá-los, de modo que fiquem o mais próximo possível de sua forma original⁸. Para isso, a análise filológica se volta com critérios rigorosos e acadêmicos aos textos antigos, os classifica em famílias, e identifica por meios diversos as possíveis variantes textuais existentes na transmissão do texto analisado. É considerado no estudo tudo o que for encontrado com relevância filológica, seja o testemunho escrito em um fragmento de texto, seja em um livro inteiro, e se realmente tiver substância, pode ser classificado para compor o compêndio dedicado ao estudo do caso. Existem casos de textos inteiros, em grandes volumes sequenciais, que são conhecidos e estudados amplamente pela filologia (como p. ex. o *Codex Vaticanus*). Mas, não apenas textos consolidados e acabados entram como objeto de estudo, pois pequenos fragmentos também são objeto de amplos estudos⁹. A crítica textual põe à prova a autenticidade do texto como um todo.

Existem elementos internos que são considerados a fim de classificar a época e datação aproximada da escrita de um texto, e fornecem certa precisão ao interprete.

⁷ Com destaque para o Concílio de Hipona (393 d.C.) e Cartago (397 a 419 d.C.)

⁸ Por exemplo, conforme defendido por Confort. (COMFORT, 2022, p. 83).

⁹ É o caso, por exemplo, do Papiro 52 (P 52). Consiste em um pequeno fragmento de papiro datado entre 125 – 150 d.C., que contém apenas parte das passagens de João 18:31 – 33 e 37 – 38, preservado na John Rylands Library. Este é, também, o fragmento de texto mais antigo do Novo Testamento conhecido. Curiosamente, o texto foi encontrado no Egito, local distante de Israel, e foi reconhecido como confeccionado em época extremamente precoce, demonstrando divulgação dos escritos joaninos em época remota, além de que a escrita é extremamente coerente ao mesmo trecho encontrado em outros testemunhos muito mais tardios (ou seja, demonstra a fidelidade do texto transmitido).

Peculiaridades como forma de escrita, caligrafia, contexto, local, são algumas das características consideradas para o resultado do estudo. Uma vez que se tem uma ampla variedade de informações, suficientes para que o estudo seja considerado relevante, há a classificação do texto. Normalmente, a classificação é feita em famílias e seus derivados. Ora, o texto do Novo Testamento é muito divulgado e existem inúmeras variantes textuais que naturalmente surgiram em seu processo de transmissão. A crítica textual os classificará segundo a ordem mais provável de originalidade, e o objetivo é reconstruir o texto original.

Na antiguidade, isto é, antes da prensa ser inventada (1440 d.C.) as cópias dos textos eram todas manuais. Era muito custoso e moroso, ainda mais em textos longos e complexos, o que invariavelmente gerava alterações no texto, já que feitos pelos falhos humanos. Os copistas ao realizarem o processo de cópia usaram elementos que podem ter contribuído para alteração do texto inicial. A intervenção pode ser proposital, como uma possível correção que o copista se sentiu obrigado a fazer, como em uma palavra errada, por exemplo, uma abreviatura para economizar espaço, enfim; ou pode ser sem culpa, como no caso de uma letra mal interpretada ou palavra pulada despercebidamente. Dentre estas, a pior hipótese é a de alteração proposital ao texto, pois há potencial de macula ao sentido original do autor do texto. Os melhores copistas não eram os mais letrados, mas ao contrário. Ora, se quem copia copia apenas o desenho da letra, sem saber interpretar o que escreve, certamente a tendência de preservação do texto original é muito melhor. Dentre os milhares de textos conhecidos, a modernidade permitiu reuni-los, qualifica-los e estudá-los, e daí a possibilidade de reunião das informações em obras especializadas para prática da crítica textual.

Destaca-se na crítica textual do Novo Testamento a obra de Nestle-Aland. Trata-se de uma edição crítica que virou sinônimo de padrão do texto grego, a obra denominada *Novum Testamentum Graece*. Esta publicação em questão, que na data da redação desta monografia encontra-se atualizada até a 28ª edição, é uma coleção e comparação de várias edições críticas anteriores, formatadas em um texto eclético, acessível e prático na vida dos operadores da ciência crítica. A obra se destaca não apenas nas edições críticas anteriores, mas também nos próprios manuscritos gregos. O compilado é tão importante que é reconhecidamente prestigiado em todo o mundo, e se tornou a base para praticamente todas as traduções modernas.

Na crítica textual do Novo Testamento temos nomes de renomado prestígio acadêmico, como é o caso de Bruce M. Metzger, um dos maiores nomes da Crítica Textual do Século XX; Kurt e Barbara Aland, que são alemães essenciais para produção da obra Nestle-Aland; Bart D. Ehrman; Eldon Jay Epp, que é especialista em destacar análise de variantes, dentre tantos outros. Ainda, convém pontuar que duas podem ser as classificações da crítica textual, a saber a Baixa Crítica, que busca restaurar o texto original, também conhecida como manuscritologia, e a alta crítica, que é a área da investigação filológica com base na história e autoria do texto.

Assim, a crítica textual realiza estudos detalhados de manuscritos antigos, que visa a fazer com que determinado texto seja considerado e interpretado na forma mais próxima do original quanto possível. É importantíssima e reúne informações que foram objeto de estudos sérios de cientistas de longa dedicação, hoje acessível e compilada em grandes obras de renome, que permite aferir se determinado texto tem indícios de autenticidade. Pode ser classificada em baixa crítica, que estuda a manuscritologia, ou seja, que analisa os textos e que visa a chegar à originalidade, e a alta crítica, que se baseia na história e autoria do texto. Especificamente será analisada a perícope da mulher adúltera.

CAPÍTULO 2. ANÁLISE DA PERICOPE DA MULHER ADULTERA NOS PRINCIPAIS TESTEMUNHOS

2.1. A hipótese de não autenticidade da Perícope da Mulher Adultera

Há um texto do Evangelho de São João que é já conhecido da crítica textual e que gerou dúvidas quanto sua autenticidade a partir dos estudos mais aprofundados. Trata-se da perícope da mulher adúltera, a *pericope adulterae*. É um episódio em que Jesus perdoa uma mulher acusada de adultério, que, pelas leis da época deveria ser apedrejada, e que, com sua atitude perdoadora e o argumento usado, não apenas não a condena, como também convence à multidão que estava presente para apedrejá-la a desistirem de sua investida. As religiões, sejam elas quais forem, trabalham muito com dogmas, e não é bem-vindo um questionamento acerca da autenticidade de algum texto considerado sagrado. Porém, manter-se no erro caso surja alguma dúvida acerca da originalidade de alguma passagem, que era tida como verdadeira quando não é, acredita-se, é pior do que o desgosto de ter acreditado em algo que não deveria estar ali, ou pior, que talvez sequer seja autêntica.

O estudo sobre a autenticidade da passagem, ao menos quanto sua existência, à luz da crítica textual, apesar de resistido, não pode ser ignorado ou impedido. Mais do que se possa supor, o texto do Novo Testamento não é mentiroso quanto à sua historicidade. A Arqueologia, ciência considerada nova no ramo do saber, já demonstrou, por inúmeros achados, que a história de fundo e o contexto dos acontecimentos ali descritos são verdadeiros, e provou, inclusive, que de fato viveu na palestina, na exata época dos registros bíblicos, figuras como Jesus de Nazaré e Paulo de Tarso. Além disso, para os que têm fé, considerada uma das faculdades humanas, experimentam e testemunham que os ensinamentos são verdadeiros. Não deveria, por isso, uma simples perícopeser capaz de colocar todo o texto em cheque – como aliás não o é. Ela pode ser verdadeira, mesmo que interpolada em um lugar incorreto, ou pode não ser, o que não invalida a autenticidade fática, mas apenas a autoria joanina. Assim, sua autenticidade é importante, e pode ser considerada como acima de qualquer argumento que impressa o estudo. Se a passagem for genuinamente joanina os dogmas acertaram em supor inalterabilidade da Escritura, mas se, porém, não o for as implicações teológicas devem ser investigadas.

2.2. A perícopeser da Mulher Adultera e a crítica textual

Os textos do Novo Testamento aqui tratados não são as traduções que hoje a conhecemos, como a Bíblia Sagrada, escrita em papel, mas sim os testemunhos antigos, os mais antigos possíveis que contém o Evangelho da passagem que será estudada, normalmente escritos em pergaminhos e encadernados em códices. Para essa tarefa, nosso ponto de partida deve ser os manuscritos mais antigos, e a crítica textual nos direciona a épocas entre o século III e o século IV. O período anterior a esse corresponde a tradições muito diferentes de elaboração e transmissão textual, em que os textos eram produzidos e reproduzidos de forma mais livre, como visto no capítulo anterior, sem a intervenção da igreja que surgiu a partir do início do século IV. Graças ao trabalho dos fiéis ao longo dos séculos, ainda hoje existem manuscritos muito bem preservados, com quase a totalidade do texto do Novo Testamento, e é possível ter acesso a eles, graças a cópias digitais, que tornaram possível consultar o texto diretamente na fonte original.

A coleção de manuscritos do Novo Testamento pode ser dividida em quarenta e três papiros e cinco unciais (ALAND, KURT; ALAND, BARBARA, p. 63). Em relação

aos unciais¹⁰, são testemunhos de suma importância, sobretudo até meados do século XX, e três deles merecem destaque, a saber o *Codex Sinaiticus*, o *Codex Bzae Cantabrigiensis* e o *Codex Vaticanus*. Eles têm esse destaque porque foram utilizados nas principais traduções recentes do texto bíblico. Trata-se de grandes códices com fólhos em pergaminho, em escrita grega uncial que contém praticamente todo o texto bíblico, e foram escritos em épocas diferentes e muito provavelmente sem contato ou derivação direta, mas que mesmo assim contém muita harmonia em seus testemunhos, o que assegura a transmissão da mensagem com certa confiança.

A análise se restringe ao trecho da perícope da mulher adúltera, presente no Evangelho Segundo São João, capítulo 7:53 a 8:11. Há uma forte tendência bibliográfica que aponta que a passagem se trata, na verdade, de uma interpolação, e não deveria estar no local em que foi adicionada. Para melhor compreensão, no entanto, claro que a passagem deve ser transcrita, pois apesar de ser conhecida de qualquer cristão, seja de qual vertente for, não há dúvidas que a maioria do público não-religioso nunca ouviu falar dela. Será a seguir reproduzida na versão de João Ferreira de Almeida, edição Nova Almeida Atualizada:

Esse texto está presente nos dias de hoje tanto nas bíblias católicas como nas bíblias protestantes, salvo raras exceções. Porém os indícios de interpolação¹¹ são fortes. Se há indícios de interpolação do texto, convém entender qual é a sustentação dessa afirmação, isto é, porque há essa desconfiança de que o texto não é originalmente daquele local. E a resposta é mais simples do que se supõe. É comum que em textos antigos, vez ou outra, aparece algum analista que questiona a autenticidade do todo ou parte do texto por evidências estilísticas que parecem não atestar autenticidade. Palavras, frases, sequências e ideias que não parecem corresponder ao autor do escrito. O problema dessas evidências não é somente questão de estilo de texto, mas uma não autenticidade, no específico caso, pode desencadear até mesmo uma exclusão do cânon Sagrado. Passemos, então, a analisar os testemunhos para que seja visto, na prática, se a afirmação tem supedâneo na realidade.

¹⁰ Manuscritos unciais são os manuscritos mais completos escritos em códices conhecidos. Eles têm uma característica de escrita peculiar, isto é, uma forma de escrita conhecida como uncial. São manuscritos escritos entre os séculos IV e IX, sem espaçamento entre palavras, com todas as letras maiúsculas, contínuas, normalmente em pergaminhos. Quase todos os unciais são códices, e não rolos. São os manuscritos mais completos que se conhece.

¹¹ Interpolação consiste no acréscimo de um texto feito depois do original, por tradição manuscrita.

Diz-se que um texto escrito não é autógrafo ou apócrifo, e sim um texto. Para a ação de fazer a publicação de um texto, ou mesmo tendo-o encontrado, a crítica textual usa o específico termo “testemunho”. Ora, o termo testemunho vai bem com o significado que empresta sentido à palavra. Ele é um testemunho porque é testemunha que alguém em um passado distante o escolheu para transmitir a mensagem. Sempre que se refere aos textos do estudo, o termo “testemunho” bem retrata o sentido que se quer transmitir com a informação, de que o autor do texto prestou um testemunho escrito. Adequado é, pois, o uso do termo.

As análises serão feitas nos códices unciais, que são manuscritos do texto bíblico antigo escritos em grego. O termo se refere ao estilo de escrita, que era comum nos primórdios do cristianismo. São importantes para o estudo porque são exemplares muito bem preservados, com imensa importância para a crítica textual.

CAPÍTULO 3. ANÁLISE DAS VARIANTES TEXTUAIS DA PERÍCOPE DA MULHER ADÚLTERA

3.1. A PERÍCOPE NOS PRINCIPAIS CÓDICES UNCIAIS

O *Codex Sinaiticus* (01 κ) é um pergaminho datado entre os séculos III ou IV. Nele estão representados os testemunhos do Antigo e do Novo Testamento, com alguns fólios faltantes que se perderam. Esse códice contém os capítulos 7 e 8 do Evangelho segundo João. Ele representa o texto alexandrino e, apesar de conter sem nenhuma lacuna os capítulos 7 e 8 do Evangelho segundo São João a perícope está ausente, e não está em qualquer outra parte desse códice. Hoje em dia é possível consultá-lo em alta definição em edição na internet.

O *Codex Vaticanus* (B 03) é o mais famoso entre os testemunhos unciais. Ele também é um manuscrito do século IV e contém o texto completo do Antigo e do Novo Testamento. Esse testemunho é o mais preservado códice que se tem notícia até o momento, tão completo que até a costura e alombada encontram-se em condições razoáveis. Faltam nele alguns fólios e foram feitos alguns acréscimos, que, no entanto, não alteram a integridade da perícope da mulher adúltera. Por estar com o fólio intacto é possível verificar que contém os capítulos 7 e 8 do Evangelho segundo São João, mas também nele também não existe essa passagem. Nesse manuscrito, em especial, há um detalhe que salta aos olhos. Claramente há uma anotação mais

recente que o texto original (embora muito antiga se comparado aos dias atuais) no fôlio que deveria conter a perícope no local em que acontecemos (final do capítulo 7 e início do capítulo 8) de algum provável leitor que se incomodou com sua ausência, fazendo uma marcação tardia sobre o texto e no fôlio. Todavia, no testemunho original do copista sequer há sinal da existência da passagem, pois o texto transita livremente entre o capítulo 7:52 e 8:12. Dessa forma, após a análise, pode-se afirmar, sem sombra de dúvidas, que esse manuscrito também não contém a perícope. Esse códice também pode ser encontrado na versão online.

O *Codex Alexandrinus* (A 02) é mais um importante códice, esse um pouco mais tardio em relação aos anteriores, pois data do século V. Ele estava em posse da biblioteca do Patriarca de Alexandria, mas foi dado de presente ao Rei Carlos I, da Inglaterra, no ano de 1628. Esse manuscrito, diferente dos já citados, não contém os fôlios dessa passagem, pois estão em falta. Não se sabe o porquê os fôlios desse testemunho se perderam, se foram arrancados ou simplesmente caíram, sabe-se apenas que não estão onde deveriam. Apesar de sua ausência, que poderia deixar uma eterna dúvida sobre o texto estar ou não ali, é certo que o espaço entre o fôlio faltante e o fôlio presente seria insuficiente para abrigar essa perícope (KNUST, JENNIFER, p. 156). Portanto, apesar da ausência ocular da passagem nesse códice, pode-se afirmar com certa tranquilidade que a passagem da mulher adúltera também nunca fez parte desse códice. Existem versões online para consulta.

O último grande códice a ser comentado é o *Códex Ephraemi Syri Rescriptus* (C), e o estado de conservação torna a leitura dificultosa. Se trata de um códice francês que foi raspado do séc. XII e um tratado foi escrito sobre os fôlios pelo monge Ephraemi. A leitura difícil ocorre porque as letras se embraralham e estão muito borradas, pois foram recuperadas por um processo químico, já que outra mais recente estava em seu lugar, por vezes dificultando ainda mais sua decifração. Também é um manuscrito do século V que não contém a passagem ou mesmo existe um local para ela. Existe uma versão online para ser consultada.

Dos grandes unciais falta analisar apenas o *Codex Bezae Cantabrigiensis* (D^{ca}). Trata-se de um importante manuscrito escrito em duas línguas, o grego e o latim, e é o mais polêmico dos códices, o principal representante da linhagem ocidental. O manuscrito é famoso por ter, segundo Kurt Aland e Barbara Aland (LAND, Kurt; ALAND, Barbara, p. 118) acréscimos, reformulações e omissões. Esse testemunho é o mais antigo em que a perícope da mulher adúltera aparece, e a apresenta numa

transição suave. O Fólio que contém a passagem pode ser consultado online. Importante notar que esse códice é o mais expressivo representante da tradição latina, e a perícopes, que nos testemunhos anteriores a ele sequer tinha aparecido em outros textos, começou a aparecer em outras cópias justamente nesse trecho da narrativa joanina desde então, isto é, nas posições que hoje é representada pelos trechos 7:53 a 8:12.

Outros manuscritos merecem destaque e foram pesquisados para o trabalho, como o P75 que não tem a passagem, e o W/032, que, por sua vez, bem na parte que corresponde a essa passagem, tem uma lacuna de fólhos não escritos, sendo sugestivo que foi deixado em branco para posterior cópia da perícopes.

Estudiosos já se debruçaram sobre a passagem, inclusive, com métricas matemáticas se seria possível ter sido a passagem suprimida de forma proposital ou acidental, como a retirada de um fólio, por exemplo, ou a perda da folha específica em que o trecho aparece. A exemplo, Philipp W. Comfort examinou criteriosamente a métrica das letras e das palavras nos mais importantes testemunhos, e chegou à conclusão que realmente nos manuscritos mais antigos não há espaço suficiente para que um trecho tão longo fosse inserido, considerando o verso imediatamente anterior (Jo 7:52) e o imediatamente posterior (Jo 8:12). O autor destaca, ainda, que segundo seus cálculos é impossível que o trecho estivesse inserido no *Codex Vaticanus* (B 03) ou no P. Oxy. 1780, e neste em particular calculou ser impossível ter espaço suficiente entre os fólhos existentes para acomodar os 820 caracteres que compõem a perícopes (COMFORT, 2022, p. 461 – 463).

3.2. A TRANSMISSÃO DA PERÍCOPE NAS TRADIÇÕES DE TRANSMISSÃO TEXTUAL

Conforme verificado, os principais códices unciais não contêm a passagem. Nos testemunhos de tradição oriental dos séculos III e IV, com textos exclusivamente em grego, a perícopes não está presente em nenhum local dos fólhos existentes, muito menos entre os capítulos 7 e 8 do Evangelho de João. Ela apenas apareceu pela primeira vez no texto do *Codex Bezae Cantabrigiensis* (D^{ca}), que contém escrita bilíngue (grego e latim). Ou seja, ele aparece como texto joanino justamente quando a tradição latina ganha destaque, no século V. A partir de então aparecerá em quase todos os testemunhos latinos a partir do século V.

Não se pode ignorar que existem alguns testemunhos que colocam a

passagem em outro local que não os capítulos 7 e 8 do Evangelho segundo João. Por exemplo, o *Codex Fuldensis* (*Codex Bonifacius 1*) contém a passagem logo após a visita de Nicodemos (Jo 3:1-21). E mais, há quem defenda que esse texto já apareceu, inclusive, no Evangelho Segundo Lucas. Há que se considerar, também, testemunhos indiretos que mencionam a passagem em vários outros locais nos textos da tradição cristã. Por exemplo, Papias cita que essa passagem era conhecida desde os primórdios, porém no Evangelho de Hebreus (que não existe nenhuma cópia conhecida até hoje e pode ter se perdido no tempo) (KNUST, Jennifer, p. 62). Santo Agostinho também a comenta, ainda que brevemente, e além dele Eusébio de Cesaréia (que cita Papias, e apresenta o termo “muitos pecados”, e não adultério em si).

Um importante relato merece destaque. Dídimos, o Cego, escreveu um texto com possível relação com a perícopes. Estima-se que ele viveu no século IV (313 – 398 d.C.) momento em que os primeiros registros conhecidos da perícopes escrita nos manuscritos até então descobertos começa a aparecer com maior frequência. É o período em que a tradição latina começa a ganhar força, pois é o marco de transição do cristianismo como religião oficial do principado romano. Dídimos relata no seu Comentário a Eclesiastes um trecho extremamente semelhante à narrativa da mulher adúltera¹². Resumidamente, ele relata uma mulher acusada de pecado diante de Jesus, os acusadores que queriam condená-la, uma resposta de Jesus que afastou os acusadores. A afirmação é importante, inclusive porque o relato é de que a história existia em “certos evangelhos”. Isso faz supor algumas afirmações decorrentes do

¹² “Didymus the Blind († 398): φέρομεν οὖν ἐν τισιν εὐαγγελίοις, γυνή, φησὶν, κατακριθῆ ὑπὸ τῶν Ἰουδαίων ἐπὶ ἁμαρτία καὶ ἀπεστέλλετο λιθοβοληθῆναι εἰς τὸν τόπον, ὅπου εἰώθει γίνεσθαι· ὁ σωτὴρ, φησὶν, ἑωρακὺς αὐτὴν καὶ θεωρήσας ὅτι ἔτοιμοί εἰσι πρὸς τὸ λιθοβολῆσαι αὐτήν, τοῖς μέλλουσιν αὐτὴν καταβάλλειν λίθοις εἶπεν· ὃς οὐχ ἥμαρτεν, αἰρέτω λίθον καὶ βαλέτω αὐτόν· εἴ τις σύννοιδεν ἑαυτῷ τὸ μὴ ἥμαρτηκέναι, λαβὼν λίθον παισάτω αὐτήν· καὶ οὐδεὶς ἐτόλμησεν· ἐπιστήσαντες ἑαυτοῖς καὶ γνόντες ὅτι καὶ αὐτοὶ ὑπεύθυνοί εἰσι τισίν, οὐκ ἐτόλμησαν καταπαῖσαι ἐκείνην. [“We find, therefore, in certain gospels: A woman, it says, was condemned by the Jews for a sin and was being sent to be stoned in the place where that was customary to happen. The savior, it says, when he saw her and observed that they were ready to stone her, said to those who were about to cast stones, ‘He who has not sinned, let him take a stone and cast it. If anyone is conscious in himself not to have sinned, let him take up a stone and smite her.’ And no one dared. Since they knew in themselves and perceived that they themselves were guilty in some things, they did not dare to strike her.”].” (Trazemos, pois, em certos evangelhos, uma mulher — diz ele — condenada pelos judeus por pecado e enviada para ser apedrejada no lugar onde isso costumava acontecer. O Salvador, diz ele, tendo-a visto e percebido que estavam prontos para apedrejá-la, disse aos que estavam prestes a atirar pedras contra ela: ‘Quem não pecou, tome uma pedra e atire nela.’ Se alguém sabe de si mesmo que não pecou, tomando uma pedra, golpeie-a. E ninguém ousou. Refletindo consigo mesmos e reconhecendo que também eram responsáveis por certas coisas, não ousaram condenar aquela mulher. — Tradução nossa). WILKER, Wieland. **A Textual Commentary on the Greek Gospels: John. Bremen**, [s.d.]. Disponível em: Willker – John Commentary PDF. Acesso em 02/12/2025, p. 9.

relato, como que o texto já era conhecido e circulava entre os séculos II e III, que o texto fazia parte de evangelhos conhecidos (que podem ser, inclusive, canônicos ou não, até mesmo no próprio Evangelho de João, embora menos provável, o que faz deduzir sua circulação independente). Isso torna difícil aceitar que o texto foi uma invenção medieval, e embora não denote que o texto é joanino ou mesmo que é autêntico, pois sequer o cita, é forçoso reconhecer que ao menos era amplamente conhecido na antiguidade.

Knust em sua obra (KNUST, Jennifer, p. 66-70) contesta a afirmação de que a perícope foi omitida de manuscritos antigos por medo de incentivar a imoralidade. Ela sugere que as práticas antigas de correção textual preferiam marcar as passagens questionáveis a eliminá-las. Esta autora também cita explicitamente que a passagem era conhecida pela tradição patrística, e, em bora o estudo não explore especificamente a tradição antiga, aponta o exemplo de Dídimo, em que ela ressalta dois pontos importantes de alinhamento entre os argumentos dele com a tese da autora, como o relato muito parecido da narrativa, em que uma mulher foi levada até Jesus para ser apedrejada, e a citação de Dídimo que a passagem aparecia em alguns evangelhos, sem relacionar diretamente com o Evangelho de João.

Por isto, há indícios que permitem crer que o episódio da mulher adúltera já era conhecido pelos primeiros cristãos, apesar de não ter sido registrada nos testemunhos mais antigos. Provavelmente se trata ou de um texto conhecido do citado Evangelho dos Hebreus, que não tem cópia conhecida, ou de uma antiga tradição oral que conservou a perícope, e que, mais tarde, a adicionou em um local que a tradição achou conveniente. Parece claro, também, que o texto tem forte sustentação na tradição latina, isto é, na tradição ocidental da Igreja, pois apenas aparece a partir do Século V, no D^{ca}, que, apesar de ser um testemunho com escrita grega, também contém a escrita latina. As evidências apontam para uma tradição latina, que era conservada pela tradição ocidental e que parece ter interpolado esse texto no testemunho joanino. O momento em que a passagem passou a ser considerado texto joanino é justamente o século V, com a ascensão da Igreja Romana e da língua latina ganhando relevância por conta da expansão da fé no cenário europeu.

3.3. A AUTENTICIDADE JOANINA DA PERÍCOPE DA MULHER ADULTERA

Falta, ainda, verificar a autenticidade do texto, isto é, se o texto realmente parece ser verdadeiramente evangélico, um episódio real da vida material de Jesus

enquanto esteve entre os homens, ou se há motivos de dúvidas em relação à sua canonicidade. E bem, como foi discutido, a passagem parece ter indícios de ser conhecida entre os primeiros cristãos na história da igreja. O próprio bispo Eusébio (ou mesmo o já citado Dídimo) é um bom exemplo. Mesmo com a discussão de o texto ser autenticamente joanino ou não, não parece ter grandes questionamentos quanto à sua canonicidade. Realmente parece ser um episódio de um Deus encarnado. Ora, o único ali que poderia condenar a mulher citada seria o próprio Jesus, que, no entanto, a perdoa. Só quem pode perdoar pecados é Deus, pois o que peca peca contra Deus. Parece existir harmonia entre a mensagem e o testemunho.

Porém isso não é critério algum do ponto de vista da crítica textual. Não compete a esse ramo, num primeiro momento, fazer juízo de valor quanto ao conteúdo do testemunho. Mas, se o trabalho deve ser completo, claro que um texto completamente destoante do todo da mensagem não pode, evidentemente, fazer parte dela. A perícopes, portanto, não pode ser vista de modo isolado. Ela realmente parece um texto autêntico, e os indícios de sua existência desde os primórdios são relevantes. Os próprios pais da igreja citam o testemunho de forma indireta, e, o fato de ter sido aventado que a passagem era de um texto diferente só dá mais força ao argumento, no sentido de ser autenticamente evangélico e pertencente a um testemunho que, apesar de ter se perdido, teve um dos atos do principal personagem da história preservado. Mesmo que a passagem possa não pertencer ao local em que está no texto do Evangelho segundo João, a transição na sua ausência não é tranquila, e a passagem parece indicar que há uma lacuna real naquele trecho. Se a perícopes não é joanina, ao menos evangélica ela parece ser, pois, repita-se, era conhecida pelos pais da igreja.

Logo, os testemunhos indiretos dão conta de trazer elementos convincentes de que o texto verdadeiramente é autêntico, e que foi preservado pela tradição ocidental, e então interpolado tardiamente no testemunho joanino, que foi copiado e recopiado com a adição textual até que sua autenticidade fosse esquecida, e passou a fazer parte da tradição cristã posterior sem maiores problemas, por isso, inclusive, ali permaneceu sem questionamentos até o advento da crítica textual.

3.4. IMPLICAÇÕES TEOLÓGICAS DAS VARIANTES TEXTUAIS DA PERÍCOPE DA MULHER ADULTERA

A Perícope da Mulher Adultera certamente tem grande impacto teológico na interpretação teológica, tanto faz referência e demonstra a substância do caráter e da personalidade da figura do próprio Jesus Cristo, como tem sido, ao longo dos séculos, de grande importância, ao menos dogmática, para estabelecimento de parâmetros de perdão e de autocrítica. A passagem é aceita de forma tácita pela Igreja Cristã. As tradições católicas e protestantes, mesmo cientes da polêmica que envolve a passagem, têm mantido em suas várias edições bíblicas a perícope nas mais diversas edições da Bíblia Sagrada usada nas liturgias. Mesmo as versões modernas de tradução mantêm a passagem, a exemplo da então recente Nova Versão Internacional, que mantém em seu corpo principal a passagem, adicionando uma nota ao rodapé do texto com alerta da polêmica.

Ainda, não são poucos os autores que defendem a manutenção da passagem como autenticamente joanina, como é o caso de John William Burgon, que criticou duramente Brooke Foss Westcott e Fanton John Anthony Hort (p. ex. BURGON, 1986, p. 180). Em síntese, esse autor defende a autenticidade da passagem pelo considerável número de evidências e testemunhos que a contém. Diferente, também, é o caso de Metzger, que defende que a perícope é genuinamente um texto evangélico, ou seja, o registro de um ato e um episódio que verdadeiramente aconteceu, porém com o adendo de que entende que a passagem não pertence originalmente ao texto joanino (p. ex. METZGER, 1994, p. 187-189).

Também é importante citar que Agostinho explicitamente comenta de forma teológica a passagem. Esse testemunho patrístico é, também, conhecido da crítica textual. O Autor fundamenta que o perdão ao adultério é genuinamente atitude cristã, e mais, em relação ao texto advoga que essa passagem foi excluída de alguns manuscritos de forma intencional, como resposta ao temor de que suas esposas recebessem igual misericórdia em caso de adultério. Knust (KNUST, 2016, p. 65 – 88) argumenta que a explicação de Agostinho para a omissão da passagem é meramente retórica, e não histórica. Para ela, Agostinho falha em explicar o porquê a passagem está ausente nos manuscritos gregos mais antigos e contraria as tradições de cópia da antiguidade. Nota-se que o texto já era conhecido e reconhecidamente polêmico, mesmo em tempos em que a crítica textual enquanto ciência sequer existia. Em via reflexa, percebe-se que não é questionada a autenticidade da existência da passagem, que reconhecidamente é compatível com o Evangelho de Jesus.

Porém, ao que tudo indica, como visto pelas análises dos manuscritos acima,

o texto realmente é uma interpolação, isto é, não parece compor o texto joanino original, e sim foi uma inserção tardia, difundida após a publicação das edições latinas a partir do século IV ou V. Manter a passagem que tudo indica não estar no texto original não parece correto, uma vez que as palavras contidas nos evangelhos só fazem sentido para a religião se forem genuínas, isto é, se realmente fizeram parte dos fatos da vida de Jesus. Várias vertentes da religião cristã fundam seus dogmas na Bíblia Sagrada, dentre eles, por exemplo, a Convenção Batista Brasileira, por meio de sua Declaração Doutrinária¹³, a Confissão de Fé de Westminster (no caso dos presbiterianos) também adota as Sagradas Escrituras como regra de fé e conduta¹⁴, os luteranos por meio da Fórmula de Concordia¹⁵, os adventistas do sétimo dia nas Crenças Fundamentais, e os pentecostais, por exemplo nas Declarações de Fé¹⁶. Destoa desse entendimento a fé católica, que adota além das Escrituras Sagradas o Magistério da Igreja¹⁷.

Tome-se que, de certa forma, as diversas vertentes protestantes reconhecem e assumem que a Escritura Sagrada contém todos os inequívocos fundamentos da fé que confessam, ou seja, que o texto da Bíblia é estrutural em relação à sua crença, não se pode admitir que o Texto Sagrado carregue alterações intencionais em seu conteúdo. Ora, caso a Escritura possa ser alterada para manter tradições ela não terá a qualidade de ser inerrante e genuína, e sim demonstrará que o dogma e a tradição se sobrepõe à história, o que claramente é uma contradição aos fundamentos da fé cristã verdadeira. Ou se acredita que a Bíblia contém o texto completo, único e correto dos ensinamentos dos homens inspirados por Deus, ou se admite que na verdade a Bíblia precisa de atualizações e adições para tornar seu conteúdo mais aceitável ou mais completo. Não é porque um trecho inserido é extremamente antigo que ele

¹³ Na Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira estabelece em seu primeiro artigo (o que demonstra a importância da consideração) o seguinte “A aceitação das Sagradas Escrituras como única regra de fé e conduta.

¹⁴ A Declaração de Fé de Westminster também reconhece a importância das Escrituras em seu primeiro capítulo, inclusive, classifica-a como “indispensável”, e sendo o único modo presente de Deus revelar sua vontade ao seu povo.

¹⁵ No caso da Fórmula da Concórdia (ou Livro da Concórdia), dos luteranos, apesar de não dedicar artigo ou capítulo específico para as Sagradas Escrituras, fundamenta toda sua confissão de fé inteiramente nela, inclusive com diversas citações diretas ao título.

¹⁶ Neste caso, por exemplo, há a famosa Confissão de Fé das Assembleias de Deus também dedicam o primeiro capítulo de suas confissões a denotar a importância das Sagradas Escrituras para o seguimento.

¹⁷ No caso do Dei Verbum a Igreja Católica coloca as Sagradas Escrituras ao lado da Sagrada Tradição. Importante destacar que mesmo que diferente da tradição protestante, as Sagradas Escrituras é reverenciada, e a sua importância revela o caráter indissociável do elo entre Ela e o cristianismo.

ganhará a validade como autêntico.

No caso da perícope da mulher adúltera, apesar de o texto não parecer ter autenticidade joanina, ele tem elementos exteriores ao texto suficientes para acreditar que ele é um trecho genuinamente evangélico, mas que não pertence ao trecho original de João, e sim de outro que foi perdido. A perícope é uma narrativa que sugere ter um antes e um depois, e não foi concebida como um pequeno trecho isolado. Mesmo que o trecho não seja joanino, sendo ele genuinamente um fato da vida de Cristo, tem condições de compor a Bíblia Sagrada, pois sua manutenção no cânon cristão em nada desqualifica o significado do conjunto da Bíblia, pelo contrário, demonstra que a misericórdia e o perdão existem e alcança a todos, doutrinas sabidamente componentes dos pilares do cristianismo. No episódio, o único que podia condenar a prostituta seria o próprio Cristo, porém ele mesmo a despediu em paz. Mesmo que o trecho faça parte da Bíblia mesmo sem ser joanino, nada trará de malefícios. Porém a crítica textual tem fortes argumentos para deduzir que o trecho não é original do Evangelho de João, e admitir isso com a correção da escritura seria a maneira recomendada de publicar o texto para as gerações futuras. A teologia deve admitir interpretar as Escrituras com honestidade e racionalidade, e não apenas com tradições e credices. A perícope da mulher adúltera claramente permite essa intervenção textual, em prestígio não apenas à crítica textual, mas também em respeito aos fundamentos da fé cristã, que não admite mentiras.

CAPÍTULO 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A perícope da Mulher Adúltera é um texto que se destaca pela beleza, simplicidade, e forte mensagem de perdão. No entanto, o texto não parece ser autenticamente joanino, ou ao menos não parece fazer parte da narrativa do trecho em que está inserido. A crítica textual identificou a questão, por isso a validade de se debruçar sobre o tema. Foi visto que nos melhores manuscritos mais antigos, entre o século III e IV, o texto não existia, não apenas em São João, mas também em qualquer outro local. Porém também foi visto que ela passou a fazer parte dos testemunhos com a difusão das publicações latinas a partir do século V, no D^{ca}. Foi visto que a passagem tem ligação com a tradição ocidental, tendo sido preservada provavelmente até a sua adição ao testemunho do Evangelho de João. Ela não existia nos manuscritos antigos, mas em quase todos os testemunhos latinos posteriores ao D^{ca}

ela passou a existir. Por isso, tudo leva a crer se tratar de uma real interpolação, de um texto que, apesar de não pertencer ao narrador São João, que escreveu o testemunho (ou quem o tenha escrito, já que João em momento algum se qualifica como o escritor), é autenticamente evangélico, e foi preservado pela tradição ocidental, permanecendo nas cópias desde o século V até os dias atuais.

Mesmo que não seja um texto joanino tem conteúdo compatível com os ensinamentos de Jesus, e é preciso admitir suas implicações teológicas na manutenção dele na localização textual em que se apresenta, isto é, em João 7:53 – 8:11, pois mantê-lo na posição do texto em que está por mero dogma não parece correto. A passagem em si não deixará de ter seus efeitos meritórios apenas por reconhecer que está inserida no local incorreto, pelo contrário, continuará a inspirar exemplos de perdão e exercício da autorreflexão, ainda que não se admita mais que o texto é joanino. Uma vez que a tradição protestante adota a Escritura Sagrada como regra de fé e conduta, não seria razoável admitir que, em casos de clara interpolação tardia, um trecho permaneça onde está por mero dogmatismo. A teologia já evoluiu com racionalidade suficiente para superar preconceitos e agir corretamente diante de situações em que a crítica textual demonstra que há uma passagem que não parece compor o texto original. Mesmo que não genuinamente joanino, a perícopes da mulher adúltera é sem dúvidas um trecho evangélico, e sua mensagem terá o mesmo sacro exemplo mesmo que em uma nova seção da Bíblia Sagrada. Seria mais honesto admitir o acerto da crítica textual e corrigir as publicações posteriores para que as gerações futuras possam se inspirar em um trecho genuíno e com as exatas implicações e exemplos que o redator original pensou. Assim, a fé cristã terá, certamente, muito mais a ganhar do que perder, pois demonstrará compromisso científico e doutrinário, em honestidade com o que prega e se guia: a verdade do testemunho de Cristo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALAND, Kurt; ALAND, Barbara. **O texto do Novo Testamento: introdução às edições científicas do Novo Testamento Grego bem como à teoria e prática da moderna crítica textual.** Tradução de Vilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

ASSEMBLEIA DE WESTMINSTER. **Confissão de Fé de Westminster.** São Paulo: Cultura Cristã, 1999.

BLACK, David Alan; CERONE, Jacob N. (org). **The Pericope of the Adulteress in Contemporary Research.** Lodon: New York: TT Clark, 2016.

BURGON, Jonh William. **The Causes of the Corruption of the Tradicional Text of the Holly Gospels.** London: George Bell and Sons, 1986.

CODEX ALEXANDRINUS. Disponível em Codex Alexandrinus: Free Download, Borrow, and Streaming: Internet Archive, acesso em 13/02/2025.

CODEX BAZAE. Disponível em Manuscritos medievais ocidentais: Codex Bezae (cam.ac.uk). Acesso em 13/02/2025.

CODEX EPHRAEMI SYRI RESCRIPTUS. Disponível em <https://archive.org/stream/Tischendorf.V.Various/01.CodexEphraemiSyriRescriptus.FragUtriusqTest.1845.#page/n9/mode/2up>. Acesso em 13/02/2025.

CODEX SINAITICUS. Disponível em <https://www.codexsinaiticus.org/en/>. Acesso em 13/02/2025.

CODEX VATICANUS: Disponível em https://manuscripts.csntm.org/manuscript/View/GA_03>; em < Novum Testamentum Vaticanum. Post Angeli Maii Aliorumque, Im and perfectos Labores, Ex ipso Codice : Tischendorf, Constantin von, 1815-1874: Free Download, Borrow, Streaming: Internet Archive>; e em < <https://web.archive.org/web/20110725073018/http://www.biblefacts.org/church/pdf/Codex%20Vaticanus.pdf>. Acesso em 13/02/2025.

COMFORT, Philip W. **Manuscritos do Novo Testamento: uma introdução à paleografia e à crítica textual.** Tradução de José Ribeiro Neto. São Paulo: 1ª Ed. Vida Nova: 2022.

CONCILIO VATICANO II. **Dei Verbum: constituição dogmática sobre a revelação divina.** São Paulo: 19ª Ed. Paulinas: 1998.

CONVENÇÃO BATISTA BRASILEIRA. **Declaração Doutrinária da Convenção Batista Brasileira.** Disponível em https://www.convencaobatista.com.br/site/pagina.php?MEN_ID=22. Acesso em 28/03/2026.

CONVENÇÃO GERAL DAS ASSEMBLEIAS DE DEUS NO BRASIL. **Confissão de Fé das Assembleias de Deus**. 2016. Acesso em <https://assembleia.org.br/wp-content/uploads/2017/07/declaracao-de-de-das-assembleias-de-deus.pdf>. Acesso em 30/03/2026.

IGREJA EVANGELICA LUTERANA DO BRASIL. **Livro de Concórdia: as confissões da Igreja Evangélica Luterana**. 1ª Ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2021.

KEITH, Chris. **The Initial Location of the Pericope Adulterae in Fourfold Tradition**. *Novum Testamentum* 51, no. 3 (2009). Disponível em <http://www.jstor.org/stable/20697267>. Acesso em 14/02/2025.

KNUST, Jennifer. **Taking Away From': Patristic Evidence and the Omission of the Pericope Adulterae from John's Gospel**. In *The Pericope of the Adulteress in Contemporary Research*, edited by David Alan Black and Jacob N. Cerone, Vol. 551. Londres e Oxford: Bloomsbury Publishing, T&T Clark, 2016.

KNUST, Jennifer. **To Cast the First Stone: The Transmission of a Gospel Story**. Londres: Princeton & Oxford, 2019.

METZGER, Bruce M. **A Textual Commentary on the Greek New Testament**. 2. Ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1994.

METZGER, Bruce M.; EHRMAN, Bart D. **The text of the New Testament: Its Transmission, Corruption, and Restoration**. 4. Ed. New York: Oxford University Press, 2005.

MOUNCE, William D. **Fundamentos do Grego Bíblico: Livro de Gramática**. Trad. Gordon Chown. 1ª Ed. São Paulo: Editora Vida, 2009.

OMANSON, Roger L. **Variantes textuais do Novo Testamento. Análise e avaliação do aparato crítico de "O Novo Testamento Grego"** / Roger L. Omanson; tradução e adaptação de Vilson Scholz. 5ª ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

WILKER, Wieland. **A Textual Commentary on the Greek Gospels: John. Bremen**, [s.d.]. Disponível em: Willker – John Commentary PDF. Acesso em 02/12/2025.